

O martelo, o prego e a cruz:
Mitologia nórdica, o heavy metal e o cristianismo

André Yamamoto

Curso de História, UFSC
andre.yamamoto@gmail.com

e
Prof. Dr. Artur César Isaia,

Departamento de História - UFSC ¹
saia@cfh.ufsc.br

Resumo

Neste ensaio procuro discutir a presença da mitologia nórdica no *heavy metal*, bem como a sua relação com o cristianismo através de suas letras. Através de alguns aspectos da mitologia nórdica que estão presentes nas músicas e de certas características do *heavy metal*, pretendo demonstrar a visão da religião cristã como uma opressora a ambos os temas.

Palavras-Chave: Mitologia nórdica, heavy metal, cristianismo

Abstract

Through this paper I intend to discuss the presence of Norse mythology on *heavy metal* music, as well as its relation with Christian religion through its lyrics. Through some aspects of Norse mythology that are present on music and some characteristics of heavy metal music, I intend to demonstrate the vision of a Christian religion as an oppressor to both themes.

Keywords: Norse Mythology, heavy metal, Christianity

Mais do que uma forma de entretenimento, há, na música, o fator de identificação social, dentro da tribo conhecida como *metal heads* ocorre, por vezes, a aceitação de certos valores e visões de mundo. Neste ensaio busco discutir a ligação entre a mitologia nórdica e o estilo conhecido como *heavy metal*, resultando em certa visão compartilhada acerca da religião cristã.

Em um primeiro momento busco na mitologia nórdica os aspectos que convergem com o estilo musical em questão, o *heavy metal*, algumas das virtudes recorrentes nas letras e a ligação destes com a religião, seja o paganismo ou o cristianismo. Em relação ao *heavy metal*, procuro fazer os mesmos questionamentos, ou seja, qual a relação deste estilo musical com o cristianismo e a mitologia nórdica.

The skies belongs to Asagods²: Mitologia Nórdica

Dentro do estilo musical conhecido como *heavy metal*, mais especificamente dentro da vertente chamada de *viking metal* existem referências diversas à mitologia nórdica, porém devido ao próprio nome do estilo e a ocasional ocorrência de certa confusão entre quem eram os *vikings* e o que era a mitologia nórdica, acho pertinente começar o ensaio com um pequeno adendo sobre os *vikings*.

Os homens que partiam da região onde temos a atual Escandinávia em expedições guerreiras feitas por mar são chamados de *vikings*, estes escandinavos medievais partilhavam de uma mitologia e crenças com pontos em comum. Porém creio que deva existir aqui uma separação entre os *vikings*, os escandinavos medievais e a mitologia nórdica, apesar da proximidade dos termos, tenho certo receio em utilizar o termo “mitologia *viking*”. Por isso, neste ensaio, utilizo o termo mitologia nórdica, uma mitologia que era compartilhada pelos escandinavos, dos quais alguns eram *vikings*.

Tendo isto em vista, busco nas figuras de Odin e Thor (dois deuses cujo aparecimento é recorrente nas letras de bandas do estilo) aspectos desta mitologia que são pertinentes para o presente ensaio.

Odin é uma das figuras centrais no panteão germânico, símbolo de bravura e sabedoria, da batalha, poesia, magia e morte. Representado como um deus caolho, com barba e munido de sua lança mágica, onde escreve runas de juramentos e leis. O deus sabia de tudo o que acontecia em todos os mundos, pois era constantemente informado por seus dois corvos: Hugin, o pensamento, e Munin, a memória. Esses dois pássaros voavam pelos mundos e depois voltavam para os ombros do deus, onde contavam tudo o que haviam visto. Mestre das magias e conhecedor das runas, Odin sacrificou-se para obter todo este conhecimento. Pendurado por 9 dias na árvore mundo, trespassado por sua lança, ele ficou e esperou esse tempo para obter a sabedoria das runas; seu olho perdido foi entregue a Mimir, o guardião da fonte da sabedoria para que Odin pudesse beber desta fonte.

Senhor de Valhalla, esse palácio é para onde vão os corajosos e valorosos humanos que morreram em batalha; para além da visão romantizada presente em algumas músicas, romances e filmes, alguns autores afirmam que os escolhidos eram sempre de classes mais abastadas, líderes de guerra ou figuras proeminentes, visto que o culto ao deus Odin era mais comum entre essas classes (Cf. Davidson, 2004: 39). Esses guerreiros são chamados *Einherjar*.

Thor por sua vez é um dos deuses mais famosos do panteão nórdico, mesmo nos dias de hoje não é estranho ver algumas pessoas com um pingente ou mesmo tatuagens do *Mjolnir*, o martelo do deus. Thor é um dos principais defensores dos deuses e de *Asgard*. Descrito como um herói *viking*, ele é comumente representado como um

homem de grande estatura, forte, com barba ruiva e olhos faiscantes, sempre em posse de seus objetos mágicos: o martelo, as luvas e o cinto de força, segundo H. R. Ellis Davidson: “De todos os deuses, Thor é o mais característico do tempestuoso mundo dos vikings. Barbudo, franco, indomável, cheio de vigor e energia, ele põe toda a sua confiança em seu braço forte e suas armas simples.” (Davidson, 2004: 61). Sua principal arma é *Mjolnir*, um martelo de guerra com propriedades mágicas. *Mjolnir*, que significa “esmagador”, havia sido forjado por anões, que de acordo com a mitologia nórdica eram seres dotados de uma capacidade única como metalúrgicos, pois sabiam adicionar magia às suas criações, e o martelo de Thor não era exceção.

Dos templos encontrados na Escandinávia, a grande maioria eram em homenagem a Thor, deus dos camponeses, estes acreditavam que ele auxiliava na colheita e nas questões e inquietações do cotidiano. Seu martelo era uma arma e símbolo de proteção contra as forças caóticas que ameaçavam *Asgard*, e por consequência, a vida em *Midgard*: “A concepção por trás das variadas formas desse mito parece ser fundamental: que o deus do céu e do trovão, o ser de enorme força que defende a humanidade, entra em batalha contra o terrível monstro que ameaça destruir a humanidade.” (Davidson, 2004: 76).

O símbolo do deus era o martelo, este tornou-se um ornamento popular durante o final da era *viking*. Davidson argumenta ainda que este foi um movimento em resposta ao uso do crucifixo cristão, sendo este um dos principais adversários do cristianismo, encarnado na figura de Jesus. Na atualidade algumas bandas utilizam dessa alegoria para simbolizar a luta entre o cristianismo (que representa a opressão da sociedade) e o paganismo (que além do resgate de valores antigos, representa a liberdade), como podemos ver na letra de *bastards of a lying breed* da banda Amon Amarth:

*My mind is free and so is my soul
You can't put me in chains
I won't play the well-adjusted role
Or bow my head in shame.*³

Uma figura interessante para este assunto é a montagem que está circulando pela *internet*, onde temos uma imagem de Thor retirada do jogo *Age of Mythology*, na qual ele aparece segurando um martelo. Na parte de baixo da figura temos a seguinte legenda: “Meu deus possui um martelo, o seu foi pregado na cruz. Alguma pergunta?”.

Os dois deuses apresentados aqui também possuem muito em comum com o *heavy metal*, afinal são deuses masculinos, beligerantes, dotados de grande poder e força física. Não são seres dóceis, eles fazem as suas vontades, sem se preocupar tanto com as regras sociais; aspectos que podem ser utilizados para se traçar um paralelo com o estilo musical em questão. A coragem e a bravura estão presentes nas mais variadas histórias, Thor e Odin nunca fogem a uma luta, zombando e desdenhando dos que o fazem; o deus Tyr tem a sua mão arrancada pelas presas do lobo Fenrir para não parecer um deus em cuja palavra não pode ser confiada.

Os deuses, assim como os gigantes e monstros, morrem no *ragnarok*, o crepúsculo dos deuses. Neste episódio, deuses, gigantes e homens irão morrer em uma batalha épica, onde somente lutarão os mais bravos e valorosos de cada lado (humanos, deuses, monstros, gigantes). Ele será prenunciado por um longo inverno (*fimbulvetr*), onde acontecem guerras e perversidades entre os homens, seguidos por terremotos. Os lobos Skoll e Hati que perseguem o Sol e a Lua, respectivamente, alcançam-nos e os devoram, é aí que os monstros libertam-se de suas prisões.

Após esta catástrofe, os exércitos dos deuses e dos escolhidos enfrentam o exército de gigantes e monstros na batalha final. Os homens morrerão, assim como os deuses e monstros, cada qual matando e sendo morto por ser adversário, como, por exemplo, Thor que mata a serpente dos mares, Jormungad, mas acaba morrendo em decorrência do envenenamento. Após esta batalha a terra será consumida por fogo e poderá renascer para um calmo e belo cenário. Este “novo-mundo” deverá ser repovoado por um casal que estava escondido no tronco de *Yggdrasil*, onde seus filhos somente se lembrarão do passado como um sonho ruim. O mundo deve acabar para poder renascer em equilíbrio.

The gods made heavy metal, and they saw that it was good⁴: Heavy Metal

O *heavy metal* é um estilo de música relativamente novo, não há um consenso sobre o que é, definitivamente, o *heavy metal*, porém neste ensaio busco traçar um paralelo entre algumas de suas características e algumas características da mitologia nórdica. O *heavy metal* começa a tomar forma no final da década de 1960. O movimento *hippie* não era mais uma resposta satisfatória para os jovens, a questão central já não era mudar o mundo através da não-violência, do amor livre, defesa do meio ambiente, etc.; era antes de tudo defender o que você é independente do que os outros pensem, e este é o ponto central inferido de documentários, entrevistas, livros e revistas especializados neste estilo musical. E para tal tarefa, havia a necessidade de algo diferente, uma música crua, com peso e força, que tratasse dos temas presentes na vida e no cotidiano desses adolescentes: a violência, incertezas, medo e fascinação pelo sobrenatural, etc.

Aqui podemos perceber outro tema que será retomado adiante no texto: a religião. Muitas das bandas dentro deste estilo falam abertamente contra Deus (ou mesmo promovem o satanismo ou luciferianismo) ou buscam outros tipos de crença, tais como o paganismo, seja ele nórdico, celta, etc. Em um mundo ocidental cristianizado, é natural que uma música de contestação, vire-se contra a moral dominante, no caso a moral cristã (como pode ser percebido em entrevistas, documentários, etc. em que mesmo bandas que não tratam de temas relacionados a qualquer tipo de religião ou ocultismo são, por vezes, tachadas de hereges e pecadores apenas pelo visual ou sonoridade da música).

Acho importante fazer um pequeno adendo para explicar o porque de não tratar sobre a origem do termo *heavy metal*. Durante a escrita deste trabalho, deparei com diferentes versões que justificam a escolha do termo, não existe um consenso para qual é a primeira ocorrência do termo para caracterizar este tipo de música, Alice Cooper alega que a primeira vez que o termo foi usado foi para descrever um de seus shows, alguns pesquisadores dizem que foi sobre um disco do Led Zeppelin, outros apontam a aparição da expressão em uma música de Steppenwolf, como podemos perceber não existe consenso (essas versões podem ser encontradas no documentário de Sam Dunn, Cf. Dunn, 2005).

Como paradigmática para este ensaio, trato a banda inglesa *Black Sabbath* como uma das primeiras bandas de *heavy metal*. O então baixista Geezer Butler, era fascinado por temas como magia negra, misticismo, bruxaria e etc. ganha de Ozzy Osbourne, que era então o vocalista da banda, um livro sobre bruxaria. Apesar de estar escrito em latim, continha inúmeras figuras e representações de demônios e exorcismos. Durante a noite, Geezer tem um pesadelo em que uma figura negra, um vulto em forma de um demônio, está flutuando ao pé de sua cama, observando-o enquanto dorme, deixando o

baixista aterrorizado. No dia seguinte, Geezer conta o pesadelo para Ozzy, que escreve a música *Black Sabbath*, nome baseado em um filme de terror do diretor italiano Mario Bava, e que logo se tornaria o nome definitivo da banda:

*Big black shape with eyes of fire
Telling people their desire
Satan's sitting there, he's smiling
Watches those flames get higher and higher
Oh no, no, please God help me!*⁵

Este é o primeiro verso da música, onde notamos a presença do sobrenatural na representação do pesadelo de Geezer. Com um *riff* baseado na utilização na quinta diminuta, a música tem um tom sombrio, uma atmosfera densa que era novidade para a época, não era somente uma música para ser ouvida, era algo mais, algo que assustava e chocava os ouvintes, transmitia um *sentimento* diferente, e isso chamou a atenção da juventude, criando um público e um mercado para esse tipo de música.

Este *early metal*, apesar de não ser idêntico ao *heavy metal* da atualidade, ou melhor, de suas vertentes, não destoia muito do mesmo, pois temos nos dois os principais elementos do que caracteriza este estilo de música. Durante a década de 1970, o *rock* pesado volta para o *underground* e no final desta mesma década, mas principalmente na década seguinte é que ocorre o *boom* do estilo, as bandas da chamada *new wave of british heavy metal* (*Iron Maiden*, *Saxon*, etc.) ganham muito espaço, e nessa década observamos o *heavy metal* tomando a forma de comportamento social e tribal, além de um estilo musical.

Atualmente o *heavy metal* e suas vertentes utilizam de diversos instrumentos, timbres e escalas, o que transmite diferentes idéias musicais e torna extremamente difícil o trabalho de classificar todo o universo do *rock* pesado. Porém duas coisas caracterizaram o *heavy metal* inicialmente (e continuam em sua essência atualmente): guitarras distorcidas e a utilização de *power chords*.

Muito importante para a criação deste sentimento, temos a distorção que é resultado de uma diferenciação na frequência com que o som é reproduzido no alto falante (em relação a uma guitarra “limpa”). Inicialmente a distorção utilizada nas guitarras foi conseguida através da operação de amplificadores, pré-amplificadores e alto falantes operando além de seu limite (ou mesmo quebrados), ou seja, o som da guitarra era amplificado e enviado para os amplificadores em volume acima da capacidade do alto falante, o resultado disso é um som espesso, encorpado e “sujo” (o termo limpo é utilizado para designar o som da guitarra sem efeitos). Com isso conseguia-se um som mais “forte” além de possuir, obviamente, um volume mais alto. Os acordes tradicionais (estruturas que compreendem, basicamente, a tônica, terça e quinta notas da escalas, podendo ocorrer variações em acordes aumentados, com sétima, etc.) quando tocados com esse som distorcido geram harmônicos que soam dissonantes, ou seja, o som que deveria ser distorcido e pesado acaba ficando muito embolado e enarmônico; aqui temos a utilização dos *power chords*, que consistem em acordes formados pela tônica e quinta justa da escala; ou ainda a tônica e a quinta diminuta (meio tom abaixo da quinta justa), que resulta em uma estrutura conhecida como trítone. Essa construção gera uma melodia dissonante (o uso do trítone era proibido durante a idade média exatamente devido a essas sensações, que remetiam a algo ruim, diabólico, no canto gregoriano era tida como símbolo do desacordo), com certa intenção de movimento, é uma nota de tensão, ou seja, ela “pede” uma resolução, outra nota que a complete; essas características ajudam na criação de uma atmosfera sombria, carregada que contribui para a obtenção de uma música “pesada”. Walser traz uma

ligação interessante, quando nos fala sobre a relação entre a distorção sendo um excesso de poder ao invés de uma falha técnica, transgressão no lugar de acidente, ou seja, música “forte” ao invés de barulho. (Walser, 1993: 43) Uma música forte, que transmite certa sensação de poder.

No uso do trítono, temos outro aspecto interessante que pode ser relacionado à religião: o uso de um intervalo proibido (ainda que em outra época) pela moral cristã é uma forma de se rebelar; no início do filme *A palheta do destino* com o comediante e *metalhead* assumido Jack Black, o personagem principal do filme aparece em sua infância (típica criança do meio-oeste estadunidense, mora com uma família centrada nos valores cristãos, que aparecem de forma quase caricata no filme), ele busca no *heavy metal*, mais especificamente no vocalista Ronnie James Dio (no filme representado como um Deus) as respostas para sair daquela vida que o oprimia.

Outro aspecto importante é o volume. Alto volume transmite uma sensação de força, de poder, e os shows de *heavy metal* são conhecidos pela potência sonora.

A cultura *heavy metal* pode ser facilmente reconhecida, o reconhecimento desse visual ou atitude pode causar estranhamento e até mesmo medo por parte de pessoas que estão fora desse grupo. De acordo com o livro de Walser e os depoimentos do documentário de Sam Dunn, as pessoas importam-se com o *heavy metal*, de uma forma ou de outra: Seja como árdios defensores do estilo musical, ou tentando empreender uma cruzada contra esse modo de vida, como fez Tipper Gore na década de 1980.

Esposa de Al Gore, então senador dos E.U.A., Tipper funda a *PMRC, Parents Music Resource Center*, (centro de recurso musical dos pais) em 1985, visando avisar e instruir os pais sobre os perigos incutidos na música, principalmente no que chamavam de *rock* (que incluía desde bandas de *rock'n'roll* até bandas de *black metal*). Formado por outras esposas de senadores e deputados, o órgão seguia firme em suas acusações, classificando as músicas de acordo com seu conteúdo, fosse ele sobre sexo, ocultismo, incitação ao consumo de álcool e drogas, violência, etc. Ou seja, tudo o que consideravam prejudicial à moral e aos valores familiares estadunidense, valores com forte base cristã. Estes movimentos resultaram nos famosos selos de censura, existentes até a atualidade, porém o efeito foi inverso, muitos jovens acabam curiosos pelos álbuns em questão exatamente pela presença do selo, já que deve conter algo “errado” nas letras.

Burn them all, burn them alive⁶: Mitologia nórdica e heavy metal

Dentro do *heavy metal* existem inúmeras vertentes, cada qual com suas características e temáticas, além do estilo tradicional do qual faz parte a banda *Black Sabbath*, existe outra que deve ser tratada neste trabalho, é a vertente conhecida como *viking metal*. Estilo influenciado pelo *black metal* e *power metal* (principalmente pela banda *Manowar*) essa vertente busca criar músicas com uma atmosfera épica, o peso é importante assim como em todas as vertentes do *heavy metal*, porém aqui o clima que se cria em cada canção é igualmente importante. No caso do *viking metal* temos, além do instrumental, o vocal gutural: este tipo de vocal é forte, tipicamente masculino e beligerante, o que evoca certas características que remetem às qualidades romantizadas dos *vikings*:

*When they ride out
From morning mist
With sharp blades in mighty fists
One hundred warriors on horse*

*An awesome brutal force*⁷

O aspecto mais importante são as letras dessa vertente. Elas falam sobre temas relacionados à era *viking* e mitologia nórdica, algumas bandas inclusive cantam em nórdico antigo ou idiomas escandinavos.

O paganismo nórdico desempenha um importante (e controverso) papel nessa vertente musical, já que a grande maioria das bandas vê na cristandade uma figura de opressão, uma espécie de inimigo que merece vingança pelo o que foi cometido na idade média, pela destruição do paganismo e até mesmo da cultura escandinava, e se por um lado não chegam a extremos como a cena norueguesa de *black metal* (onde na década de 1990 houveram algumas ondas de violência e a queima de algumas igrejas cristãs), ainda assim colocam Thor como um dos principais inimigos do Deus cristão, bem como a religião cristã como uma religião de mentirosos e covardes. Podemos perceber essa contraposição de forma clara na música *Bastards of a lying breed*, da banda *Amon Amarth*, onde os cristãos serão sufocados com suas línguas, ou seja, mortos por suas próprias mentiras:

*Bastards of a lying breed
You've ruled us for too long
Truth to you are lies to me
And your right is so wrong (...)
So see us rise we're few but strong
We'll crack your fucking teeth
And feed you with your twisted tongue
Until you cannot breathe*⁸

O interesse e a presença da mitologia nórdica (e mesmo da história escandinava, presente, ainda que romantizada nas figuras de *vikings* como valentes guerreiros “bárbaros”) no *rock* pesado vêm crescendo desde o início da década de 1990, atualmente existem inúmeras bandas que podem estar dentro desse quadro, sejam elas de *black*, *pagan*, *folk*, *power* ou *viking metal*, nem todas as bandas que tratam sobre a temática são, necessariamente, bandas de *viking metal*.

Tratando o tema de uma forma romantizada mesmo quando falam dos *vikings* e não somente da mitologia nórdica, esse enfoque ainda possibilita a conexão afetiva com um público ainda maior: o guerreiro que luta contra as adversidades e vence o que o oprime é uma imagem que mais pessoas podem, e querem, se relacionar do que a imagem do camponês escandinavo que sofria com a intempéries e eventualmente partia em missões de saque, mas também de colonização e comércio.

Como visto no início do ensaio, algumas qualidades eram apreciadas de acordo com as fontes acerca da mitologia, dentre elas a força física, a coragem e a aceitação do destino. O que essas bandas cultuam em suas letras são essas, dentre outras virtudes, que fazem um *viking*, mas um *viking* idealizado e romantizado, mais do que o “*viking* histórico”, se podemos chamá-lo assim. Florian Heesch (Heesch, 2010: 74) ainda chama a atenção para a forma como outras mídias representam os “bárbaros”, ele cita o filme o *13º guerreiro*, podemos incluir aqui *Conan* (personagem de *comic books* e filmes) e temos a essência de uma imagem amplamente utilizada no *heavy metal*: o bárbaro musculoso, rude, portando armas e sempre pronto para o combate, sem medo da morte, buscando glória e riquezas, sem medo do destino que o aguarda:

*Across the waves our seasnakes fly
Carried like ravens in the sky
By heavens breath on wings of death*⁹

Creio ser importante relembrar que como as pesquisas históricas apontam, os *vikings* não eram, unicamente, guerreiros, (Cf. Cohat, 2002: 84) podiam ser, também, comerciantes (muitos atuando como espiões e informantes) e colonizadores (viajando com famílias inteiras).

Para muitas pessoas que estão fora da cena *viking metal*, os fãs desse tipo de música parecem fazer parte de alguma seita ou culto, se por um lado essa conotação tem um sentido pejorativo, em uma análise mais profunda, ela pode ter um fundo de verdade, e isso não se aplica somente aos fãs de *viking metal*, mas, de modo geral, aos fãs de todas as vertentes de *heavy metal*. Entendo que nem todos os fãs da vertente seguem ou mesmo possuem interesse pelo paganismo nórdico, assim como nem todos os pagãos gostam desse estilo de música, porém é seguro afirmar que grande parte desse público possui algum interesse pelo *Asatru Vanatru* ou outras formas de paganismo. Podemos perceber essa ligação nas letras, como por exemplo na letra da música *Friends of the suncross*, da banda *Amon Amarth*:

*We hail our Gods
Sacrifice in blood
Our altar is the battlefields*¹⁰

Contudo, o sentido que busco nesta etapa do trabalho não é analisar as ligações com algum tipo de religião, mas sim o *heavy metal* com algumas estruturas típicas de uma religião: ainda que com suas características próprias, temos nesse estilo musical o sentido de comunidade, os rituais e as divindades.

Em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, Stuart Hall fala-nos sobre a “inglesidade” (Hall, 2004: 48), pensando dessa forma, creio que o termo “metalidade” tenha significado, afinal os indivíduos participam desse grupo para “gerar um sentimento de identidade e lealdade”. Eles participam de um mesmo mito, sendo dada maior importância sobre o que eles possuem em comum, o que os une, do que sobre suas diferenças. Ser um *metal head* também implica um conjunto de significados (que de acordo com o próprio Hall podem ser partilhadas entre pessoas que estão distante no espaço e mesmo no tempo). Com isso podemos pensar na união da mitologia nórdica e do *heavy metal* como possibilitada pela compressão das distâncias de tempo e espaço de que nos fala o autor.

Além do sentimento de pertencimento, outro ponto que parece atrair os fãs é o sentimento de poder, segundo Cardoso Filho “Esse sentimento de controle, ou melhor, de poder é um dos principais estados afetivos que esse gênero musical procura proporcionar aos seus ouvintes (...).” (Filho, 2005: 51). Eles como podemos perceber em:

*Defender's fighting spirit crack
Torching house of single god
We leave land burnt black
And bodies floating in blood*¹¹

Esse aspecto, apesar de não ser exclusivo do *viking metal*, é um sentimento muito presente no mesmo. A forma com que as letras são escritas, na maioria das vezes em terceira pessoa, ajuda o ouvinte a “entrar” na narração, utilizando do tempo presente e verbos de comando, as músicas fazem com que os eventos, ainda que distantes no tempo (e no espaço para muitos fãs) sejam “vividos” pelos fãs, fãs esses que, em sua

maioria, possuem a visão de que ser um *viking* é acima de tudo ser uma figura heróica, segundo Florian Heesch (Heesch, 2010: 75):

*We cross the open waves
On course to far off lands
Thor guides our ships
With his strong hands*¹²

Mesmo sendo esse um passado romantizado é, sem dúvida, o mais utilizado pelas bandas: os guerreiros fortes e valorosos que defendem suas famílias e/ou partem em missões gloriosas buscando riquezas e fama, ou seja, um passado glorioso (frequentemente acentuados no material promocional de bandas escandinavas que alegam possuir antepassados *vikings*). Assim como os deuses do panteão nórdico ou os *vikings* (ainda que não da mesma forma física, pelo menos como uma alegoria), os fãs sentem-se como figuras heróicas que enfrentam o que os oprime, em muitos casos inclusive colocando neste ponto um fator de contraposição com os cristãos, os quais muitos dos fãs de *viking metal* e mesmo bandas consideram covardes diante da vida, ponto que podemos perceber na música *where is your god*, da banda *Amon Amarth*:

*you feel weak and scared
fear has gripped your heart
you will soon be over run
you will soon be torn apart*

*now where is your god?
does he hear your prayers?*¹³

Creio que neste momento posso trazer o ritual dentro da temática. Fora do campo da religião institucionalizada, na obra de Maffesoli, temos “(...) que da mesma maneira que o ritual litúrgico torna a Igreja visível, o costume faz uma comunidade existir como tal.” (Maffesoli, 2006: 55) Assim sendo, podemos identificar rituais dentro da cultura *heavy metal*, que funcionam como um meio para os fãs se “re-ligarem” a essa cultura.

Esses gestos podem ser pensados como rituais sem si, sendo o mais conhecido o famoso *devil horns*. Com o dedo mindinho e indicador levantados e o resto dos dedos fechados, ele parece uma cabeça com dois chifres. Alguns fãs o utilizam ou mesmo pensam nele, como um sinal anticristão, por representar os chifres do diabo, ou da contraparte de Deus. Ao fazer esse sinal, os fãs estão cumprindo o ritual, religando-se a essa cultura em comum (nas fotos em shows, tanto os fãs como as bandas fazem este sinal na maioria das vezes).

No que se refere às bandas de *viking metal*, podemos perceber a utilização de armas e peças de armaduras ou ainda vestimentas “medievais” em palcos, performances e encartes de álbuns, simbolizando uma ligação entre as bandas de *viking metal* e seu passado medieval, dos quais as armas são importantes símbolos e ferramentas. Voltando a Maffesoli, encontramos a seguinte afirmação: “Como sabemos, este [o ritual] não é, propriamente, teleológico, isto é, orientado para um fim, pelo contrário, ele é repetitivo e, por isso mesmo, dá segurança. Sua única função é reafirmar o sentimento que um dado grupo tem de si mesmo. (...) o ritual lembra à comunidade que ela ‘é um corpo’.” (Maffesoli, 2006: 47).

Temos nesses pontos os principais rituais presentes no *viking metal*: Os sinais e símbolos feitos com as mãos; a participação corporal, seja por meio das performances com guitarras imaginárias ou balançando a cabeça; Utilização de peças de armamento

ou vestimentas que remetem ao um passado medieval escandinavo; e a “devoção” (no sentido de respeito, dedicação e afeição) aos ídolos, geralmente os músicos.

Heesch nos diz que há uma preocupação com a construção de identidades e ideologias dentro desse tipo de música (Cf. Heesch, 2010), então para além dos aspectos comentados anteriormente, um ponto que chama a atenção em grande parte dessa cena *viking metal* é o posicionamento de músicos e fãs acerca do cristianismo.

Algumas bandas como *Burzum*, fazem letras com ideologias racistas além das anticristãs. Uma das músicas que explicita a visão de Varg sobre a cristandade é a música *lost wisdom* (sabedoria perdida), onde ele fala sobre outros planos de existência que são negados pela igreja, e termina com os versos “negado pela igreja cega, pois não existem palavras de Deus, o mesmo Deus que queima o conhecimento.”¹⁴ Varg, principal membro da banda é uma figura ligada aos atos da década de 1990, onde algumas igrejas cristãs foram queimadas na Noruega, ele foi apontado como um dos principais suspeitos desses incêndios criminosos.

Já a banda *Amon Amarth*, apesar de transmitir, de certa forma, essa mesma mensagem, não o faz do mesmo modo. Os fãs conseguem *sentir*, mais do que racionalizar (sobre a utilização do termo sentimento Cf. Maffesoli, 2006: 39), essa diferença no tratamento de uma mesma mensagem entre as duas bandas. Enquanto *Burzum* aparece como uma banda extrema, ligada aos incêndios criminosos que destruíram igrejas medievais na Noruega e com uma forte ideologia de libertação do cristianismo, a banda *Amon Amarth*, é vista mais como uma banda que utiliza disso como uma temática, sem ter, a princípio, nenhuma ideologia explícita, apesar de passar mensagens similares no que se refere à destruição da cultura escandinava medieval pelo cristianismo, como percebemos na letra da música *thousand years of oppression* que fala sobre o embate entre o paganismo e cristianismo

*You doubted him, and spread their lies
Across the world, with sword in hand
You raped our souls, and stole our right
All for the words of mild-mannered man
You listened to mild-mannered god
And put your faith in deceitful words
Your powertrip was paid by blood
In kindness' name you spilled our blood
I refuse to submit
To the god you say is kind
I know what's right, and it is time
It's time to fight, and free our minds
(...)
After a thousand years of oppression
Let the berserks rise again
Let the world hear these words once more
"Save us, oh lord, from the wrath of the Norsemen"¹⁵*

Aqui percebemos a visão que a banda deseja passar em relação à religião cristã, cobrando pelo sangue derramado em nome do Deus único, bem como o tipo de imagem *viking*. A última frase é uma citação que é atribuída a monges medievais que oravam em busca de proteção contra os *vikings*: *A furore Normannorum, libera nos Domine* (Cohat, 2002: 11). Faço um adendo para ressaltar que o título do DVD lançado pela banda é *Amon Amarth: Wrath of the Norsemen*, que é tirado da tradução para inglês dessa mesma oração: *Save us, Oh Lord, from the warth of the Norsemen*. Na versão ao vivo da música que consta no DVD, O vocalista Johan Hegg diz ao final que o Papa está na cidade, e apesar de seu convite para ver um show do *Amon Amarth*, o Papa, por algum

motivo, não apareceu; quando a platéia começa a gritar em aprovação à piada, Johan grita como uma voz gutural: “*So fuck him!*”

Considerações finais

Percebemos alguns aspectos da mitologia escandinava que são recorrentes no *rock* pesado. Como era esperado, não existe um consenso, ou uma maneira única como essa mitologia é explorada pelas bandas, porém na quase totalidade das bandas a utilização desta mitologia é feita através de uma visão romantizada do tema. Dos aspectos mais relevantes para este ensaio, podemos citar a força, não só física, mas também no sentido de defender suas convicções e posições. A necessidade de demonstração de poder, onde temos um paralelo com o *rock* pesado, mais precisamente o *heavy metal*, seja essa demonstração feita através de lutas e desafios ou através de uma música crua e tocada em alto volume, é um aspecto comum aos dois temas. Por fim, temos a coragem, visto que um tema sempre presente é a figura do herói que defende o que acredita, não importando as batalhas ou contratemplos que precise enfrentar, e com isto podemos começar a delinear uma visão acerca do cristianismo, visto que os cristãos são vistos como covardes que preferem dar a outra face ao invés de pegar em armas e lutar contra seu ofensor. Ao contrário desse Deus único e distante, os deuses escandinavos estão presentes, não como deuses que julgam e observam os atos, mas participantes dos mesmos, Thor e Odin estão ali, lutando lado a lado com os guerreiros. Os escandinavos, os *vikings*, são fortes e corajosos como seus deuses, em oposição aos cristãos, lamuriosos e covardes como o seu deus único, representado como um enganador e covarde.

Junto disso, temos no *heavy metal* alguns aspectos igualmente importantes para este ensaio, dentre eles a importância do grupo, da comunidade, tribo, etc. da qual fazem parte os *metal heads*. Outro ponto que vai ao encontro dos aspectos encontrados na mitologia escandinava é a demonstração de poder, aqui temos como características do estilo guitarras e amplificadores levados a trabalhar acima do seu limite para conseguir o som característico, baixos e baterias fazendo uma parede de som grave que reforça o peso e força do som, o timbre de vocal utilizado caminha para o mesmo fim, seja em sua projeção operística ou no vocal gutural, masculino e forte, temos na sonoridade deste estilo a presença de uma atitude que ao buscar demonstrar poder e força, pode ser interpretada, pejorativamente, como violenta e agressiva. Convergente com essa demonstração de força existe a busca pela liberdade, tema também recorrente no *heavy metal*, que como visto no segundo capítulo é uma busca de libertação dos valores tipicamente (mas não unicamente) cristãos, bem como do *statu quo*. Música já tida como símbolo de uma juventude oprimida pela sociedade e mesmo pela paisagem que a cerca, o *heavy metal* é tido por fãs como um meio de libertação da vida cotidiana. Concluindo com um ponto de grande importância para entender a presença da mitologia escandinava (e ao mesmo tempo, de tantos outros temas) neste tipo de música é a compreensão de que o *heavy metal* não é uma música nacional, apesar de ter surgido na Inglaterra é um tipo de música que não possui raízes, pode ser ouvida e assimilada por pessoas das mais diversas partes do mundo. Este aspecto, quando visto sob a luz da proposta de Stuart Hall sobre a identidade cultural na pós-modernidade, torna compreensível a presença de tantas temáticas e propostas diferentes neste tipo de música, sem com isso perder as principais características do estilo.

Ao unir a mitologia escandinava ao *heavy metal*, temos alguns pontos interessantes. Ainda que em uma forma romantizada na música, a mitologia

escandinava traz temas como o sentimento tribal que perpassa a comunidade dos *metal heads*, nas letras percebemos que eles são chamados, são levados a se sentir como parte daquilo, como um herói que pode lutar lado a lado com um guerreiro *viking*, partilhando de suas virtudes, como a força, honra e valentia. Através dos rituais presentes neste tipo de música os fãs encontram um meio para se “re-ligar” com a banda e, conseqüentemente, com toda a história que os precede, reforçando o sentimento de pertencimento a um grupo e a definição de sua identidade perante a sociedade. Enquanto no *heavy metal* temos a busca da liberdade no embate com a moral cristã, no *viking metal* essa busca vai além, mais do que liberdade, temos a afirmação de um ressentimento com a religião que é tida como responsável pela opressão e culpada pelas perdas culturais do paganismo escandinavo. Temos os episódios de violência que ocorreram principalmente na Noruega, onde igrejas cristãs foram queimadas e pessoas ameaçadas, como expoentes extremos desse sentimento em relação à cristandade.

Tendo estes aspectos em vista podemos perceber que parte do preconceito sofrido pelos *metal heads* é resultado do medo que as pessoas sentem. O que para a tribo são símbolos de identificação e pertencimento - como as roupas pretas, declarações contra a igreja ou outras religiões, música alta com uma sonoridade e letras agressivas que falam sobre lutas, morte e armas - podem gerar certo desconforto em uma sociedade pautada pela moral cristã. Porém no universo romantizado que é criado por algumas dessas bandas são aspectos que demonstram honra, retidão de caráter e coragem, em oposição à rebeldia e violência sem causa.

Referências

- COHAT, Yves: *The Vikings, Lords of the seas*. Ruth Daniel (Tradução para o inglês). London; Editora Thanes e Hudson, 2002.
- DAVIDSON, Hilda Roderick Ellis. *Deuses e Mitos do norte da Europa*. Traduzido por Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Editora Madras, 2004.
- FILHO, Jorge Luiz Cunha Cardoso. *Demônios e pentagramas: os grupamentos juvenis a partir das capas de álbuns de heavy metal*. In *Revista Diálogos possíveis*, Ano 4, número 2. Salvador: FSBA, 2005.
- GIBSON, Michael. *Povos do passado: Os vikings*. Trad. Aulyde Soares Rodrigues. 10ª Edição. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1995.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós - modernidade*. Rio de Janeiro: D.P &A, 1998.
- HEESCH, Florian. *Metal for Nordic Men: Amon Amarth's representation of Vikings*. Editado por Niall W. R. Scott. Oxford, Editora: Inter-disciplinary press. 2010.
- HELDEN, Imke von. *Barbarians and Literature: Viking metal and its links to old norse mythology*. In *The Metal Void: First Gatherings*. Editado por Niall W. R. Scott. Oxford, Editora: Inter-disciplinary press. 2010.
- JANOTTI, Jeder S. *Heavy metal: o universo tribal e o espaço dos sonhos*. 1994. 115 páginas. Dissertação (mestrado em multimeios). Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1994.
- LANGER, Johnni. Aspectos básicos da história e cultura dos vikings. Disponível em: <http://www.groups.google.com.br/group/scandia/files> Acessado em maio de 2010.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- MELEIRO, Maria Lucília F. *A mitologia dos povos germânicos*. Lisboa: Editorial presença, 1994.

WALSER, Robert. *Running with the devil: power, gender and madness in heavy metal music*. Hanover: University press of New England, 1993.

Discografia

- AMARTH, Amon. Banda Amon Amarth. *Versus the World*. Suécia: Metal Blade Records, 47:49 minutos. 2002.
- _____. Banda Amon Amarth. *With Oden on our side*. Suécia: Metal Blade Records, 42:17 minutos. 2006.
- BUTLER, Geezer; IOMMI, Tony; OSBOURNE, Ozzy; WARD, Bill. *Black Sabbath*. Inglaterra: Vertigo Records, 6:16 minutos. 1970.
- MANOWAR. *The gods made heavy metal. Louder than hell*: E.U.A.: Geffen Records., 50:08. 1996.

Documentários

- DUNN, Sam; FELDMAN, Sam; MCFADYEN, Scot. *Metal: A Headbanger's Journey*. Produção: Sam Dunn, Scot McFadyen e Jessica Joy Wise. Canada: Seville Pictures, 2005. DVD, 96 minutos. Documentário. English Dolby Surround.

Notas

¹ Gostaria de agradecer a Prof. Dr. Aline Dias da Silveira (UFSC) pela imensa ajuda com a temática.

² Banda *Amon Amarth*. *As long as the raven flies*. Álbum *The Crusher*: Suécia: Metal Blade Records. 2001.

³ Banda *Amon Amarth*. *Bastards of a lying breed*.. Álbum *The Crusher*: Suécia: Metal Blade Records. 2001.

Minha mente é livre e também minha alma
Você não pode me acorrentar
Eu não irei fingir ser um conformado
Ou curvar minha cabeça vergonhosamente. Tradução livre do autor.

⁴ Banda *Manowar*. *The gods made heavy metal*. Álbum *Louder than hell*: E.U.A.: Geffen Records. 1996.

⁵ Banda *Black Sabbath*. *Black Sabbath*. Inglaterra: I.R.S. Records, 6:16 minutos. 1970.

Figura grande e preta, com olhos de fogo
Dizendo as pessoas seus desejos
Satan sentado ali, ele está sorrindo
Vê as chamas ficando mais e mais altas
Oh não, por favor, Deus me ajude Tradução livre feita pelo autor.

⁶ Banda *Amon Amarth*. *Masters of war*. Álbum *The Crusher*: Suécia: Metal Blade Records. 2001

⁷ Banda *Amon Amarth*. *Where is your God?*. Suécia: Metal Blade records, 3:11 minutos. 2008.

Quando eles cavalgam para fora
Da névoa matinal
Com laminas afiadas em punhos poderosos
Cem guerreiros montados
Uma maravilhosa força brutal. Tradução livre do autor.

⁸ Banda *Amon Amarth*. *Bastards of a lying breed*. Álbum *The Crusher* Suécia: Metal Blade Records, 5:33 minutos. 2000.

Bastardos de uma falsa cria
Vocês nos dominaram por tempo demais

A verdade de vocês são mentiras para mim
E o seu correto é tão errado
Então veja-nos levantar, somos poucos, mas somos fortes
Nós vamos quebrar seus malditos dentes
E fazê-lo engolir sua língua mentirosa
Até que você não possa mais respirar. Tradução livre do autor.

⁹ Banda *Amon Amarth. Friends of the suncross..* Álbum *Once Sent from the golden hall*: Suécia: Metal Blade Records. 1998.

Através das ondas nossa cobra do mar voa
Voando como corvos no céu
Por um sopro divino em asas da morte. Tradução livre do autor.

¹⁰ Banda *Amon Amarth. Friends of the suncross..* Álbum *Once Sent from the golden hall*: Suécia: Metal Blade Records. 1998.

Nós saudamos nossos deuses
Sacrifício de sangue
Nosso altar é o campo de batalha. Tradução livre do autor.

¹¹ Banda *Amon Amarth. Bleed for the ancient gods..* Álbum *The Avenger*. Suécia: Metal Blade Records, 2000.

O espírito de luta do defensor é quebrado
Queimando as casas do deus único
Nós deixamos a terra queimada
E corpos flutuando em sangue. Tradução livre do autor.

¹² Banda *Amon Amarth. Friends of the suncross..* Álbum *Once Sent from the golden hall*: Suécia: Metal Blade Records. 1998.

Nós cruzamos o mar aberto
Na direção de terras longínquas
Thor guia nossos navios
Com suas poderosas mãos. Tradução livre do autor.

¹³ Banda *Amon Amarth. Where is your God?.* Suécia: Metal Blade records, 3:11 minutos. 2008.

Você se sente fraco e assustado
O medo toma posse de seu coração
Você logo estará acabado
Você logo será morto
Onde está seu Deus agora?
Ele escuta suas preces? Tradução livre do autor.

¹⁴ VIKERNESS, Varg. *Lost Wisdom. Burzum*. Noruega, 1991. Tradução livre do autor.

¹⁵ Banda *Amon Amarth. Versus the World*. Suécia: Metal Blade Records, 5:22 minutos. 2002.

Você duvidou dele, e espalhou as mentiras deles
Através do mundo, com uma espada em mãos
Você esvaziou nossas almas e roubou o que era nosso por direito
Tudo pelas palavras de homens, ditos, amáveis
Você ouviu um deus afetado,
E depositou sua fé em palavras traiçoeiras
Sua sede de poder foi paga com sangue
Em nome da bondade você derramou nosso sangue
Eu me recuso a me curvar
Ao deus que você diz ser bondoso
Eu sei o que é certo, e é tempo
É tempo de lutar e libertar nossas mentes
(...)
Depois de mil anos de opressão

Deixe os berserkers levantarem-se novamente
Deixe o mundo ouvir essas palavras novamente:
“Salve-nos, Oh Senhor, da fúria dos homens do Norte”Tradução livre do autor.